

1953 — Ano do VI C. E. N.



O Xingu

Encanto ou Terror?

CEDI - P. I. B.
DATA 23/06 86
COD. 01001

IMPRIMATUR
D. Mário de Miranda Vilas Boas
Arcebispo Metropolitano de
Belém do Pará

Belém, 28 de julho de 1953

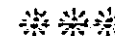
Pe. Eurico M. Krauetler C. PP. S.



O Xingu

Encanto ou Terror?

Notas sobre costumes, crenças, dados etnográficos, lendas e linguagem das tribos, como subsídio para a história dos índios do Xingu.



“As Missões Católicas procuram não só evangelizar e conduzir povos à verdadeira Fé, e àquela vida sobrenatural que é a mais alta elevação à qual se possa chegar, mas também procuram difundir a civilização, a ciência, a cultura, na mais ampla expressão da palavra”.

.....
(PIO XI)



Eis a melancólica beleza do Alto Xingu

DEVEMOS aos amigos e benfeitores da Missão do Xingu uma palavra de explicação e sobretudo de sincera gratidão. Alguém poderá indagar qual o sentido da obra da Missão junto ao elemento indígena, e se ela faz um ato de presença dentro da grande tragédia de incompreensão do índio a que os civilizados estão assistindo desenrolar-se nas selvas do Xingu.

A obra missionária não apresenta um aspecto concreto, definitivo, como num edifício que se constrói, do qual se possa relatar quanto se gastou e de quanto, aproximadamente, se necessita para terminá-lo. Ela se distingue essencialmente dos empreendimentos materiais. A catequese dos índios é uma empresa bastante delicada, que requer tempo, experiência; ela significa nada menos que elevar o Homem da Idade da Pedra, por todos os degraus intermediários, para a civilização hodierna. Não entendemos este termo no sentido de uma técnica avançada, mas no resumo das conquistas espirituais, culturais e materiais que resultam para o bem, tanto do indivíduo como de um grupo etnológico.

Durante 17 anos de labor missionário em terras do rio Xingu, viajando em lanchas-motores ou em cascos primitivos; vencendo cachoeiras e impetuosas correntezas; penetrando nas suas florestas soberbas, as mais densas do mundo; irmanados na convivência rude com os índios nativos e o seringueiro adventício; às vezes demorando-nos nas choças escuras e imundas do indígena ou então avisitando-o, surpreendendo-o, nas extensas praias do Alto Xingu ou na boca sombreada de um igarapé, colhemos reminiscências belas e as mais estranhas. Vivemos em íntimo contacto com o mundo maravilhoso das plantas e animais. Às vezes nos encheu de admiração e de assombro o colorido dos colares dos índios, sua variedade, sua misteriosa significação na composição das cores diferentes; recordamo-nos do indescritível espetáculo das danças, em redor de crepitantes fogueiras.

Mas, o que mais profundamente nos tocou o coração e se nos imprimiu indelévelmente no espírito foi o índio-homem, informações sobre sua origem, aspectos de sua vida multissecular no mesmo ambiente da natureza bruta e bastantes vezes hostil.

Aproximamo-nos do índio não tanto com o espírito perscrutador de um etnólogo, mas com os olhos saudosos de um irmão em busca de outro irmão.

Eis aqui u'a modesta amostra das caminharadas por esse mundo

estranho da vida indígena. Ao lado de alguns elementos etnológicos verdadeiros que o problema do índio é um problema puramente humano, que deve ser tratado com carinho e, antes de tudo, com respeito e honestidade.

Não são muitas as informações que aqui apresentamos. Quem poderá apresentar um quadro perfeito de um mundo que chegou ao ocaso de sua existência antes que aprendêssemos a falar com ele?

O nosso principal intuito em escrever estas curtas narrativas é dar um sinal de vida aos que outrora nos sabiam embrenhados na faina incerta da pacificação do indígena.

Durante todos estes anos nos torturava a incerteza se o índio Caiapó — dêle se trata aqui em primeiro lugar — um dia fôsse capaz de se tornar nosso vizinho pacífico, nosso colaborador na conquista e cultivo de vastas zonas bravias — se nós o poderíamos chamar com extrema alegria nosso irmão no Sangue Redentor, igual a nós como cidadão deste planeta e do Brasil, nos direitos e deveres. Ou, então, se ele estaria — como muitos opinam — condenado ao extermínio total, provocado pelo seu pronunciado instinto de belicoidade em choque com os interesses econômicos da zona.

Nas entrelinhas podereis sentir — ao menos de leve, esperamos-lo — o quanto nós queremos ajudar numa solução cristãmente justa e relativamente urgente do problema "Índio no Xingu", para que a palavra COLONIZAÇÃO não se torne sinônima de barbaridade e que, de outro lado, o Xingu, rico e belo, não se transforme num desolado deserto verde, marcado nos mapas como terra inexplorada onde "habitam as onças". A empresa civilizadora dos índios é antes uma ação pacífica e espiritual, embora não desconheça, de forma alguma, as exigências materiais, como em certos casos, por exemplo, a necessidade da aplicação do poder judiciário.

Tivemos, repetidas vezes, oportunidade de fazer bem aos índios nativos, de agradá-los com presentes de toda espécie, mesmo de salvá-los quando atacados por funestas epidemias pela remessa ou pela aplicação de medicamentos eficazes. Embora tudo isto possa parecer muito pouco, representa para nós, dadas as circunstâncias extremamente desfavoráveis, um grande esforço.

O que fizemos somente foi possível graças às generosas contribuições à Missão do Xingu e a alguns auxílios enviados por amigos de outros países.

E no futuro?

De onde virão os meios para continuar e ampliar as obras da Missão? para remediar tantas existências sofredoras pela inclemência do clima ou pela incompreensão humana?

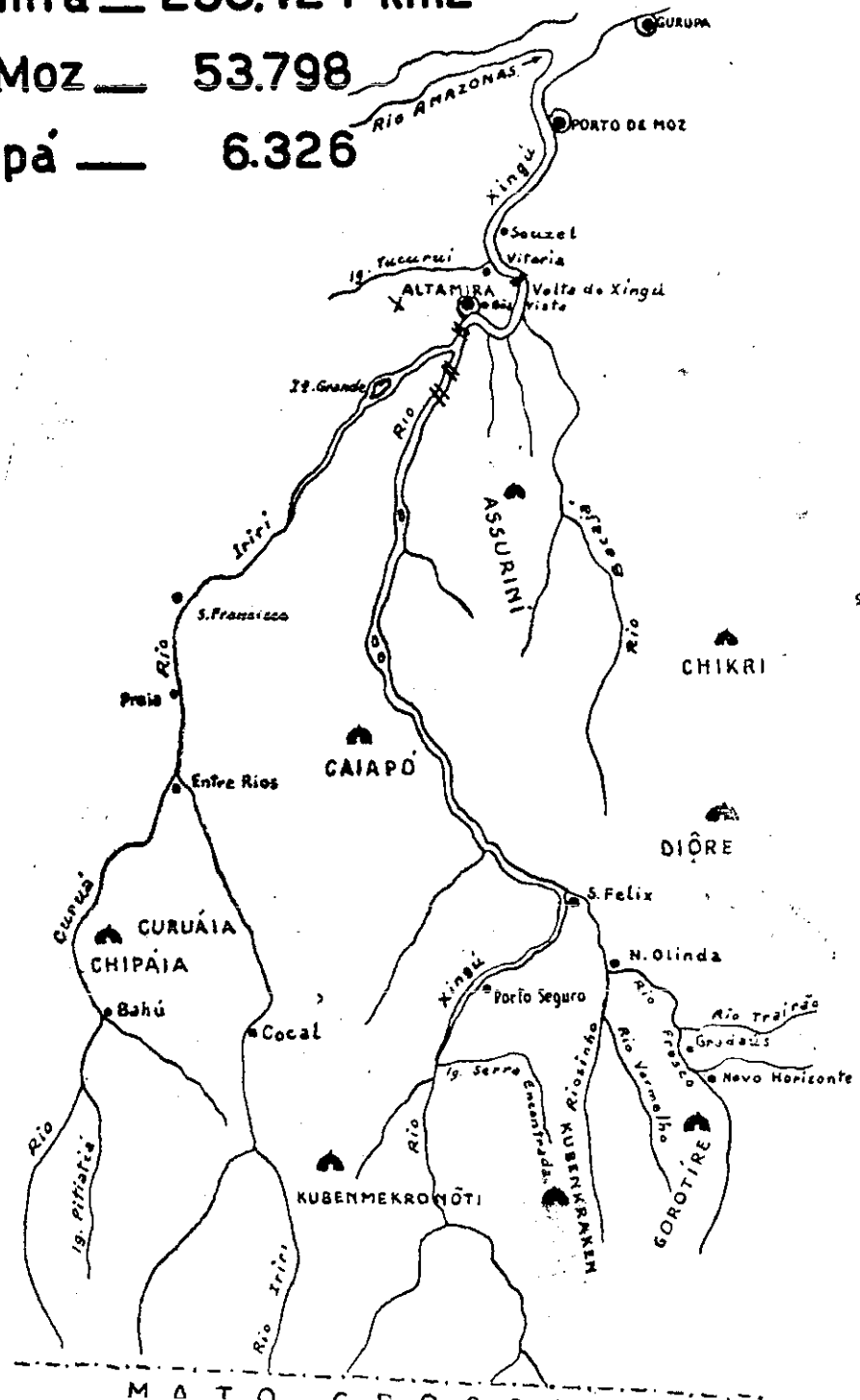
Está, por certo, o destino destes brasileiros das selvas nas mãos dos brasileiros das cidades. Se estes tomarem consciência de suas responsabilidades de compreensão e ajuda ao infortúnio das tribos indígenas, há de reinar a luz da salvação para um grande e obscuro pedaço do Brasil!

XINGU

Altamira — 258.424 km²

P. de Moz — 53.798

Gurupá — 6.326



APRESENTAMOS

O RIO XINGU

“INDIOS Caiapó? Catequese? Que é tudo isto? Tudo isto são coisas peculiares a uma imensa região do imenso Brasil. Consultai um atlas qualquer, e descobrireis que este rio Xingu, tão pouco conhecido, é um dos principais afluentes da margem direita do rio Amazonas, e desenvolve os seus meandros num comprimento de quase 2 mil quilômetros. Não é preciso saber o número exato de quilômetros do seu curso, porque isso não dá idéia alguma da realidade. Basta imaginar-se que o enorme rio pode ser subido, de lancha-motor, durante dez, quinze ou vinte dias e ainda ficam longe as suas cabeceiras...

Na verdade, ninguém se atreve a subi-lo até às suas nascentes, pela boa razão que, entre aquelas e o médio Xingu, se estende uma zona que não é só completamente inabitada por civilizados, mas (o que é pior) é dominada por numerosos bandos de guerreiros das diversas tribos da raça Caiapó. Esta raça representa atualmente o ramo mais importante da grande família etnológica dos Gê, que são considerados como os mais antigos habitantes do Brasil, sendo que os Tupi, Caribe, Aruaque não são senão invasores. Os Caiapó seriam mais especialmente os descendentes dos Aimoré e dos famosos Botocudos, cujo nome relembra a rodela ou botoque engastada no lábio inferior...”

François Beghin

Ligeiros esclarecimentos etnográficos

Denominações de algumas tribos

Principais grupos linguísticos indígenas do Brasil : Tupi, Caraíba (ou Cariba), Aruaque e Gê.

Os Caiapó são os ramos mais fortes da família dos Gê; a esta, pertence, também, a afamada tribo dos Cravante.

Os Caiapó, por sua vez, ramificam-se em vários sub-grupos.

Nestas investigações, deve-se levar em conta que os selvagens gostam de contar inverdades ou enganam-se ou fornecem informações vagas e contraditórias.

Sub-grupo Gorotire (assim se chamam os índios mansos do Posto Novo Horizonte, Rio Fresco.)

Os brabos que ficaram nas malocas chamam-se **Kubcran-kein**: tribo de cabeça pelada. Os mansos não fazem mais a rasura da cabeça.

Outras tribos que, com maior ou menor certeza, pertencem ao Grupo dos Caiapó : **Kuben**: tribo.

(Os Caiapó chamam-se entre si : "Meg-beno-crê", como os cristãos dizem "caboclos".)

- 1 — Kuben Me-crã-gno-ti
- 2 — Kuben Chi-cri
- 3 — Kuben Djôre
- 4 — Kuben Kukoi-ti (macacos)
- 5 — Kuben Roprè (cachorro)
- 6 — Kuben Diu-die-tuc-ti (de arcos pretos)
- 7 — Kuben Pari-kam-nó (com um olho no pé)
- 8 — Kuben Kin-abié-re (de cabelo comprido)

- 9 — Kuben Acopo-re
- 10 — Kuben Acati
- 11 — Kuben Mru-i-a-mu-dje
- 12 — Kuben Kiê-ko-kunã-ti
- 13 — Kuben Cruatire — Suiás — vivem acima do Salto Martius, já em Mato Grosso. Vive no Rio Fresco uma índia Suiá raptada pelos Gorotire, de nome Kamri-tó.

Outras tribos conhecidas dos Caiapó :

- 1 — Kuben Mo-i-re-ne (Juruna)
- 2 — Kuben Chipaya
- 3 — Kuben Kuru-aya
- 4 — Kuben karara-u (Arara)
- 5 — Kuben-karara-u (Arara)
- 6 — Kuben Kamrik-ti (Assurini, Vermelhos)
- 7 — Kuben niacrê-kam-crua-pu (com uma flechinha nos buracos do nariz, deve-se tratar dos Nambi-quaras).

Ainda fazem menção de :

- 1 — Kuben Ko-cre
- 2 — Kuben Mbri-re (sapo)
- 3 — Kuben Tucre (preto)
- 4 — Kuben Puru-karod
- 5 — Kuben Be-i-kore
- 6 — Kuben Camayurã.

Tribos da família Tupi que vivem no Xingu do Pará :

- 1 — Juruna
- 2 — Curuaia
- 3 — Chipaia
- 4 — Arara.

São tribos extintas como grupos, estando os seus remanescentes dispersos e, com exceção de algumas famílias, misturados com os cristãos do Iriri e da Grande Volta do Xingu.

Outra tribo, que possui seu habitat na margem direita do Xingu entre o Bacajá e o Bom Jardim, e que pertence com muita probabilidade à família Tupi, é a dos **Assurini**, até hoje de todo arredia a qualquer aproximação com os cristãos.

Número estimativo dos índios no Xingu

O número de índios existentes no Xingu, ninguém o pode afirmar com segurança. Quando se fala dos índios no Xingu, devemos subentender mais exatamente os índios da parte do Xingu pertencente ao Estado do Pará, pois o curso superior do rio se encontra no Estado de Mato Grosso. Temos para nós que muitos autores, que escrevem sobre o Xingu, superestimam a quantidade de índios que habitam as selvas deste grande rio. O fato de os índios Caiapó percorrerem grande parte do território deste rio, em grupos menores ou maiores, de 5 até 30 a 40 e o simultâneo ataque em pontos muito distantes faz acreditar que o exército dos Caiapó é muito poderoso. Assim, alguns crêem que o seu número é de 10 até 15 mil. Julgamos que o seu número não passa de 5 mil, porque as informações tiradas da boca dos próprios índios nunca dão margem para um número tão elevado.

Diz-se, por exemplo, que a aldeia do famigerado Oket, que é sem dúvida uma das mais fortes, conta milhares de pessoas, quando, de fato, conforme as indicações de um índio cristão que no ano passado visitou a aldeia desse chefe, não passa de 200 guerreiros.

Os índios Assurini, da família dos Tupi, permaneciam até hoje arredios. Pelas escassas informações que pudemos obter de mateiros que viram de perto suas aldeias e roças, e de alguns Caiapó, que tomaram parte no ataque que estes fizeram aos Assurini, em 1936, se pode concluir que esta tribo não passa de dois mil índios.

Somando os restantes grupos de Arara, Chipaia, Curuaia, estes no Iriri, com algumas famílias Juruna e Arara na Grande Volta do Xingu, não atingimos o número de 500 índios.

Pelo que se vê deve-se usar de muita reserva no cálculo de tribos indígenas que ninguém poderá jamais recensear.

Culto dos defuntos

A seguinte cena não assistimos pessoalmente. Um amigo no-lá contou.

O capitão, "kun-abdió", me chamou, dizendo: "Vai ver o "me-tu-tun" (pessoa morta, padre). De fato, reparei num

pequeno grupo de pessoas no cemitério. Uma cova estava aberta e, sobre um pedaço de pano, viam-se os ossos de uma criança no meio de uma podridão de vermes. A mãe, cujos cabelos da testa, cortados curtos, estavam tingidos pelo sangue de golpes de facão, mexia com uma varinha na decomposição, extraíndo os ossos. O pai pegava os ossos, limpava-os com um pano e depositava-os numa cuia. A mãe tinha uma expressão triste e o silêncio era completo. Os ossos limpos foram suspensos na cuia em cima do fogo para secar. Em seguida, foram de novo depositados na cova, junto com os pertences dos mortos. A cabeleira do defunto ficou em cima do túmulo. Uma espécie de coroa da palha foi colocada num galho de árvore. Esta coroa serve para certas danças.

Guerra

O motivo mais comum de guerra, entre as tribos Caiapó, é o roubo de mulheres, ao passo que na guerra contra os brancos predomina o instinto de vingança, acompanhado do roubo de mercadorias.

Govêrno

Há famílias mais ou menos tradicionais de capitães. A autoridade deles é reconhecida, mas só a exercem nos casos muito graves. (Vida, morte, guerra). O policiamento é perpétuo, através da pergunta "aonde vai você?" à qual nenhum estrangeiro (estranho), pelo menos, jamais escapa. O govêrno reúne-se na casa dos homens. Certos anciãos têm autoridade como oradores, conselheiros.

Nomadismo

As aldeias são abandonadas por diversas causas. Exemplos: morte do capitão, epidemia, afastamento da caça, esgotamento da terra cultivável, ameaças por inimigos superiores (ataques de civilizados ou de tribos inimigas), amontoação de imundícies, fraccionamento de uma tribo em partidos hostis. A imensidade das terras, as facilidades de caça e pesca, a fragilidade das construções, a impersonalidade gregária do índio, tudo isto concorre para o nomadismo.

Liberdade

A "liberdade dos filhos da selva" é igualmente uma pura criação do nosso espírito rico de mil anos de civilização. Onde não há limites não há liberdade. Só um homem culto, saturado da vida enervante das capitais, ao adotar a vida das selvas, achará uma certa liberdade em comparação com a vida civilizada. Mas, o verdadeiro silvícola é um escravo: escravo de suas superstições grosseiras, escravo das doenças, escravo de seus costumes sociais, muitas vezes cruéis, escravo de suas paixões, de sua raiva, ódio, vingança, escravo da natureza hostil, escravo da ignorância. A vida primitiva não tem fantasia ou variedade. Tudo é determinado. O índio não conhece a liberdade dum passeio ou de férias. Cada passo tem um motivo determinado: seguir a pista de um porco, buscar lenha ou água. As mulheres, fora de casa, usam invariavelmente de três caminhos: o da mata, o do rio ou o da roça. O índio não possui dinheiro no banco para assegurar uma parte da existência; vive no presente e, acabando de comer, já pensa em conseguir outra refeição. A caça, considerada por nós um agradável esporte, torna-se uma penosa obrigação quando a existência depende dela.

Uma só flecha precisa de sete elementos: taquara, ponta de madeira, osso de macaco ou de arraia, cola vegetal, casca, linha, penas. O índio, que possui um rifle ou espingarda para caçar, está mais à vontade ou mais "livre". Mas na sua rotina é incapaz de pensar em liberdade.

Suas palestras tratam geralmente de episódios de caça, de trabalho na roça, notícias de outras tribos, lances heróicos na guerra (nisto são incansáveis em detalhes), de um sonho onde se mostravam os "me-caron" (as almas de parentes mortos), moças para casar... etc.

Cantos dos homens Gorotire

O canto é elemento inseparável da dança. Sendo assim, o índio não canta sem, ao mesmo tempo, se movimentar em passos rítmicos.

Em geral são palavras incompreensíveis, em língua arcaica, cujo sentido ninguém entende, nem os próprios índios. De

alguns, entende-se o sentido geral, e só raras vezes o sentido literal. Repetem muitas vezes as mesmas palavras; com certo orgulho, dizem que este ou aquele canto é dessa ou daquela tribo inimiga. Aprenderam dos prisioneiros ou prisioneiras que fizeram.

- I. AN, AN, E, DJO, BE-RO PO, CATCHÉ DJOBÒ, Oôôôôôô
Ô RINAMON, MRO-TI, RÉ-WA-DIA, NIUM-KO; NO-
MO KO
- II. IMAN CU-PI, PIARÈ
POTO-TI-RÈ, IMAN CU-PI, PIARÈ final: MEN-U
- III. KEN NEN TANGAU, NGAU, RAN RAN CAN,
DJEUNÉ GANÉ, A-MIM A-PRIN, BA A MONO, TIRÈ
A-COCACU
TAN CU-MAN EN-U
- IV. MONIA CUKEINÈ (bis)
BAI ATÈ CAMAN-ÂN
KAMRI-TÈ IG-NAURE

Cantos das mulheres

- I. KAO KAO, PITA-RÈ (bis)
I-A-KA-WA-NA PITA-RÈ
- II. KENADE, KÈ-NAUWÁ, KOYANON
KOYANON (muitas vezes)
ANA-YATA, YA-TA NON

... e um índio contou como eles vivem
sua vida humana...

Origem

HAVIA Papai do céu : Quaiqua-kankuben. Ele tinha deixado na terra um homem e uma mulher, Kuben-mu e Kuben-ni, para principiar o mundo. E estes tiveram, então, muitos filhos.

Um dia, Deus desceu do céu para batizar os filhos dos primeiros pais (Kra-grereméte). A cada um que batizou, deu roupa. Deus batizou fora da choupana, no terreiro. A mulher mandou que um por um saíssem da choupana. Eram muitos. A mulher ficou com vergonha de ter tantos filhos. Não deixou que alguns saíssem. Trancou-os dentro de casa. Deus foi-se embora. Os que ficaram sem batismo e sem roupa, saindo de casa, por vergonha dos outros ganharam a mata. São estes os índios, e os que Deus batizou são os cristãos.

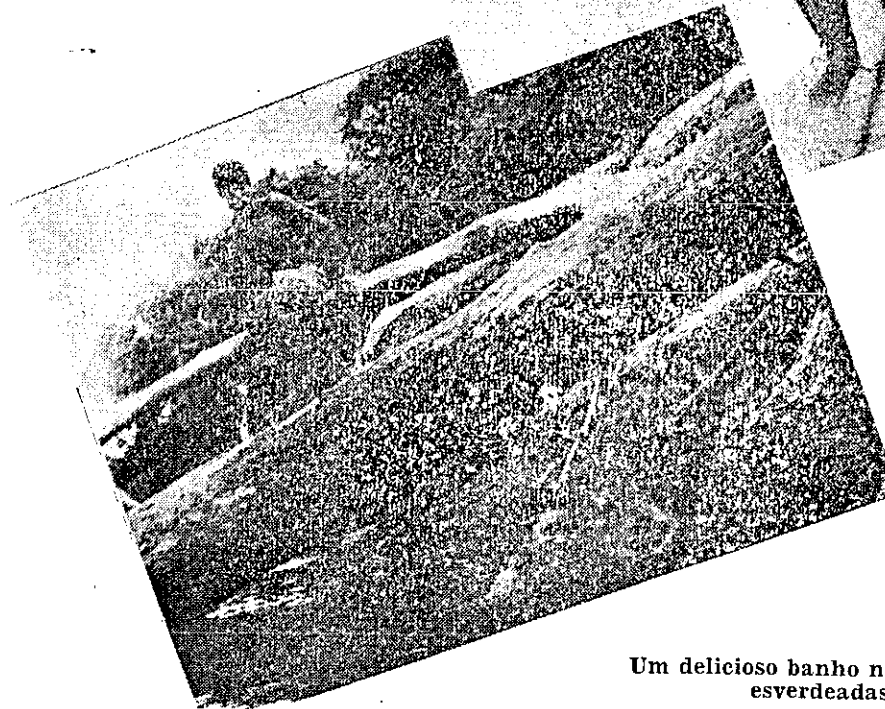
(Nota : Aqui se vê a história mesclada com fortes elementos cristãos).

Parto

Quando a mulher descansa, a mãe da parturiente toma a criança. O marido e também os irmãos, quando os tem, se deitam para observar o resguardo. O marido não se pinta. Conversa pouco e não sai; toma só comida leve, feita pelas mães. Passados 5 dias levanta-se e pinta-se todo de vermelho. Em seguida, toma banho. Depois pinta-se de preto de genipapo; raspa a parte superior da cabeça e pinta o meio círculo raspado, como também a testa, das sobranceiras para cima, com urucu para poder acabar o resguardo.

Depois, vai caçar e durante 5 ou 6 meses não tem vida

Be - Koingroti,
curiosamente
pintado, atento
ao dedo do mis-
sionário, que
aponta o Céu



Um delicioso banho no rio de águas
esverdeadas...

comum com a espôsa; leva-lhe o sustento da mata e volta de novo para dentro da selva.

Se acontece, entretanto, estar de viagem, ignorando o dia certo do parto de sua espôsa, calcula a época e faz, então, o jejum. Come apenas coisas leves, pássaros, pequenos jabotis etc., e assim observa também, embora longe, a lei do resguardo.

Têm grande "cisma" de certos animais: anta, macaco, tatu, jaboti.

Por que?

Dizem que êste bichos têm parte com um peixe, espécie de poraquê, "murê-kauk", que os mata dentro de poucas horas pela pancada elétrica que dá. O murê-kauk tem uma estrêla na cabeça. Quando a criança morre, teria sido então um destes bichos que a carregou. Fora do tempo de resguardo, comem êste animais com grande gôsto, mas no tempo do resguardo têm dêles uma tremenda cisma.

Incorporação na tribo: "Batismo"

Quando a criança com mais ou menos um ano começa a caminhar, faz-se o "batismo". Um mês antes, os homens da família fazem uma grande caçada. Trazem então muita caça da mata. No dia dos preparativos, enfeitam-se, e as avós preparam jaboti e beiju assados. As 4 horas da tarde começa a dança festiva, na qual tomam parte homens e mulheres. No cordão dos grupos dançantes, vai também a avó, com a criança deitada nos braços, ambas pintadas de preto.

Do lado de fora do terreiro, está postado o avô da criança. Tem um cipó na mão. Quando a avó com a criança, no meio do cordão, chega aonde está o avô, todos param. O avô deixa cair do cipó três gotas de água na testa da criança. A dança continua e passa uma segunda e uma terceira vez pelo lugar onde está o avô, que, de cada vez, derrama três gotas na testa da criança, dizendo uma palavra misteriosa (que até agora nunca pude saber o que significa).

A única espécie de cipó que usam para esta cerimônia chama-se: "kangore-kaneia", e, entre nós, "curimbó". Dêste cipó sai uma água travosa. Serve também para tôda espécie

de doenças. Se alguém sofre de dor de cabeça, raspam a casca e cheiram os fiapos dos quais emana um cheiro muito ativo. Fazem também banho contra febre, para suar.

Este cipó mata também os peixes. Fazem bolinhas e jogam-nas na água e o peixe fica tonto. Por ser este cipó mais raro, matam com ele só o peixe chamado "jejum", que mais se esconde, ao passo que os peixes comuns matam com timbó comum, entre eles chamado "a-krore".

O batismo se realiza antes de anoitecer. A dança continua até o dia amanhecer. Pela madrugada, chamam o mesmo avô para ele dar o nome, escolhido entre os dos antepassados. A criança ainda está com a avó. Junto dela estão 6 jabotis e um grande beiju que o avô recebe em pagamento.

Casamento

Nasce uma menina. Um rapaz pretende casar-se com esta menina recém-nascida. Passados 30 dias, o rapaz pretendente manda sua irmã falar com a mãe da menina.

A mãe aceita o pedido. O rapaz, agora já noivo da menina, vai, à noite, até à choupana da criança e lá se deita na esteira que a avó da menina já preparou. Quando o noivo está deitado, a avó tira a criança do colo da mãe e deita-a nos braços do noivo. Ele, de sua parte, ajeita a criança bem junto do coração e assim dorme. Quando a criança quer mamar, é de novo a avó que a tira do noivo e a entrega à mãe.

Alguém poderia extranhar que seja sempre a avó e não a mãe da criança a tratar dela. E' devido ao costume do genro (e mesmo o futuro genro) não falar nunca nem com o sogro nem com a sogra.

O noivo, daí em diante, pertence à família da menina-noiva. Tudo o que ele faz e o que mata nas caçadas entrega, por intermédio de sua irmã, à mãe da menina-noiva. Embora o sogro se ausente por meses inteiros, jamais se dá o fato de uma aproximação ilícita entre o futuro genro e a futura sogra, o que se explica bastante pelo preventivo dêsse silêncio.

Os anos correm. A menina fica moça. Quando o noivo faz, pela primeira vez, vida comum com a noiva, esta comunica o acontecimento à mãe, logo no dia seguinte.

A noite, quando o noivo volta da mata e se deita, a mãe cobre ambos com uma grande esteira de buriti. Ficam dois dias e duas noites debaixo da esteira. De noite, vem a mãe dêle para dar-lhes comida.

Na terceira noite, à uma hora da madrugada, se unem tôdas as mulheres da aldeia e juntas vão para o rio ou igarapé buscar água. Todos os vasos que possuem na aldeia, cabaças e cujas, enchem com água e carregam-na para o terreiro, em frente à casa dos noivos. Este trabalho dura umas duas horas.

Em seguida, vem a avó da noiva e tira a esteira debaixo da qual estiveram 48 horas sepultados. Os noivos se levantam e vão para fora. Lá se deitam numa nova esteira — ao ar livre. Logo depois, as mulheres pegam dos vasos, que tinham carregado, e jogam a água sobre eles. Deve ser agradável um banho no frescor matinal.

O banho, que começa por volta das 4 horas, vai prosseguindo uma hora e mais, as cunhãs sempre jogando água e mais água em cima dos noivos. Desponta no horizonte, atrás das serras, a aurora, e não muito depois o sol matinal enxuga os noivos tiritantes de frio. Agora, eles pintam o corpo todo com urucu. A noiva entra na casa da mãe e ele, o noivo, precedido por uma prima, anda 3 vezes por toda a aldeia. A prima leva como enfeite só uma linha nas pernas e nos braços. Ele leva na mão um talo comprido de buriti. Depois entra na casa da noiva e findou o ritual próprio do casamento. E' este que eles consideram o verdadeiro casamento, e é indissolúvel.

Família

Nunca um índio Calapó possui simultaneamente duas mulheres, nem mesmo o chefe da tribo. São portanto monógamos. Também não conhecem o celibato, mas sabem e reconhecem que o padre cristão, "Uaiangare", não tem mulher. Na tribo dos Tapirapé, o pagé não pode ter relações sexuais quando está invocando os espíritos, pois essas relações "atrapalham" o bom entendimento com os seres superiores.

Quem manda nos filhos não é nem pai nem mãe, mas a avó, "tuiúá". O marido é fiel à mulher. Mas o ciúme é grande. Se o marido não volta a horas, de noite, para casa, logo a sogra,

suspeitando alguma infidelidade da parte do genro, manda espiar onde êle está. Pode ser que tenha tardado a chegar da mata, mas ai dêle se estiver conversando com uma das mulheres livres! Neste caso, a sogra pega um tição em brasa e, devagarinho, sem ser notada, aproxima-se do local do delito. Quebra o tição na cabeça do genro e da mulher com quem êle estava conversando. Como genro e sogra não conversam, também esta cena dramática se desenrola mudamente, mas as faiscas falam mais alto que as palavras. E' raro, porém, dar-se um caso d'êstes.

Nunca se vêem moças "oferecendo-se" a um estranho, nem índio presentear uma moça ou trocá-la (como se ouve dizer muitas vêzes.) A família Caiapó é pouco prolifera, tendo cada mãe, em geral, três ou quatro crianças. Conhecem certos remédios anti-concepcionais.

O marido mantém a mulher sob a lei do trabalho obrigatório. A mulher prepara a comida, trata das crianças, vai para a roça, para as plantações e as colheitas, carrega pêso enorme de lenha, de mandioca, de castanha. Não tem direito de queixar-se. A maternidade talvez seja prejudicada pela dureza do trabalho. Às vêzes, acompanha o marido na caça ou na pesca; horas inteiras ela passa catando piolhos (e comendo-os), pintando o corpo e o das meninas e crianças. E' rêspeitada no sentido social da palavra, mas pode ser espancada à vontade. A mulher tem, às vêzes, influência sôbre o marido, mas só em coisas domésticas.

Quando um homem novo, já casado, volta da caçada com os animais mortos, não entra com êles na casa da mulher — seria vergonha para êle entrar assim na aldeia, carregado — mas, deixa a caça a certa distância e manda a mulher ou índios já idosos buscá-la.

Um costume cruel: um casal tem, suponhamos, dois filhos. Morre o marido. Se a mulher não tiver um parentesco forte, mas estiver quase sem parentes, os outros — muitas vêzes rapazes novos — matam-lhe os filhos. Acontece até que os próprios irmãos matam os filhos da irmã.

Por que? Para ela ir trabalhar na roça.

As vêzes acontece que o chefe da tribo — o "boiadioro" —



A família de Patoite, na capela de Pôrto Seguro, rezando



Patoite ("braço quebrado") com um belo espécimen de pirarara. Pertencia à tribo dos Ku-ben-kran-kein ("cabeça pelada"), hoje morando com os cristãos



Patoite viajando para a roça, com a família

toma os filhos do índio morto, especialmente sendo meninos, e se encarrega de criá-los.

Um costume curioso: como já dissemos, não conversam nunca o genro com o sogro e a sogra; mas também falar um primo com a prima seria a maior vergonha. Não há casamentos entre parentes próximos. Esta lei do silêncio vigora igualmente entre cunhado e cunhada... viram a cabeça para o lado oposto.

Propriedade

Cada família tem sua roça. É verdade que os homens apenas brocam e derrubam as árvores. O resto do trabalho é feito pelas mulheres.

Possuem grandes plantações de tabaco. Mas, no preparo, não tiram o talo das folhas.

Existe uma certa propriedade comum a todos, nos seguintes casos: quando os homens vão para uma grande caçada em preparação de festa (esta caça é entregue a um velho índio que a divide com imparcialidade); e quando são rapazes novos, que possuem uma roça em comum. Já com 9 ou 10 anos os meninos entram na casa dos jovens, dirigida por um capitão, que os ensina a fazer flechas e arcos de pau d'arco. Esfregam a flecha com pedra de amolar até ficar em forma — isto é, polida nas 4 (e só quatro) faces; ensina-os a fazer esteiras, cestas, bacítus (cestos pequenos de mão), lanças, bordunas, capacetes. Um outro índio, estimado na tribo, os ensina a cantar e a mostrar bravura contra os inimigos.

Como crime, entre eles, só figura o roubo e a mentira. Ao criminoso, como castigo, rapam-lhe a cabeça toda, o que constitui uma grande vergonha.

Estes jovens vivem numa comunidade. Quando se unem em casamento, como acima o descrevemos, ela sendo criança, toda propriedade é dos dois. Mas quando a união é só temporária, como sói ser entre viuvos e viúvas, então cada um guarda para si as coisas que recebe.

Nota: Só os índios, que já tiveram contacto com os cristãos, como os do SPI, conhecem o dinheiro, "pio-caprin", mas naturalmente não conhecem o valor respectivo das notas.

Eles empregam a palavra "pein" para designar a ação de trocar. Não existe entre eles coisa semelhante ao dinheiro. O sistema de troca é pouco necessário à sua vida selvagem. O caso é diferente quando se trata de um objeto dos civilizados.

O conceito de "comunidade" e "comunismo" pertence unicamente à nossa cultura muito desenvolvida, e nós costumamos sempre julgar os selvagens com as nossas normas de civilizados. A propriedade é perfeitamente garantida para todos. Basta dizer "esta faca é minha" para acabar com qualquer inveja ou vontade de tomá-la.

Morte, luto, entêrro

Quando o marido morre, a mulher raspa toda a cabeça. Enquanto não crescerem de novo os cabelos até à nuca, fica de luto dentro da casa, sem fazer nada a não ser estar assentada no chão, a chorar.

Se depois do tempo de luto, se conservar sem vadiar, sem dançar, então pode de novo casar com um viúvo, mas nunca com um solteiro. Se não se conservar retraída, fica com as mulheres livres, nas choupanas onde moram, em um canto, separadas. Nas danças formam um cordão distinto do grupo das casadas e do grupo das mocinhas.

Mulher casada : Mé-mié

" moça : Mé-printire

" livre : Mé-kupró

" rapariga: Mé-kurérére

Se o homem perder a mulher, e não puder mais casar-se com outra que pertença à família da finada esposa, deve contudo casar-se com uma de outra família.

Todos os parentes do sexo masculino devem trazer enfeites para ornar o cadáver: a cabeça é enfeitada com plumas de urubu-rei, o corpo com peninhas de periquito. No rosto do homem pintam um meio círculo, que parte do queixo, atravessa a testa e desce para o outro lado. Primeiro, passam na pele o leite de uma árvore, "ba-rocu", para firmar o pó que é tirado da casca do ovo da azulona. Um azul muito bonito, Assim fica pintado o rosto do finado, todo de azul,

Envolvem o cadáver numa esteira, amarrando-o com três embiras, e assim o carregam para o cemitério.

Aí, abrem uma cova redonda e bem funda.

Enquanto uns fazem os preparativos para o entêrro, um grupo dança em redor.

Pronta a cova, um dos índios desce e assenta o cadáver no chão. As paredes da cova estão forradas com esteiras para não cair terra no cadáver. Junto a este, colocam tudo que ele possuía de enfeites e outras miudezas. Depois, cobrem o túmulo com paus, e em cima jogam a terra. Quando o túmulo está fechado colocam em cima o que não coube dentro, como arco e flechas, bordunas etc.

O grupo que dançou, terminada a cerimônia, lança sobre o túmulo todos os enfeites que usara no entêrro.

A mulher, quando morre, é enfeitada da mesma maneira, só com a diferença de que o rosto não é pintado de azul. O modo de carregar o corpo é o mesmo.

Durante todas as cerimônias do entêrro, as mulheres uivam, cortando-se com objetos diversos, até que o sangue corre pelas faces. Depois, todos tomam banho para não deixar nos pés nem o pó do cemitério, tão grande é o receio supersticioso que têm dos mortos. Até o rifle e o facão, que o defunto usou, quebram e jogam no túmulo.

Enfeitam os cadáveres das crianças, das mulheres, dos homens, com penas, para eles poderem voar.

Mas para onde? Aí está o mistério.

De um diário.

"Mecarone -- nhu -- nuquá"

Este é o curioso nome que os índios Gorotire costumam dar à capela de S. Félix. Chamam-na, também, "Kri-kré-cuá-cancuben".

Há no Pôsto do Serviço de Proteção aos Índios, SPI, no Rio Fresco, um grupo de cento e tantos índios. Mas, a infinita solidão das florestas do Alto Xingu é povoada de muitas outras tribos e ramificações da grande nação dos Caiapó.

No véu do sacrário da capela de S. Félix, pintado artisticamente por uma religiosa do Asilo do Bom Pastor em Belém, brilha em letras douradas a seguinte inscrição: A LUZ QUE ILUMINARÁ OS GENTIOS. Foi propositalmente que mandámos pôr esta inscrição. Muitas e muitas vèzes fitámos este curto texto do evangelho: Luz que iluminará os gentios. Estas palavras tomavam sempre mais e mais vulto em nosso interior, e seu sentido crescia com a vista das imensas matas. E afinal se travou uma luta profunda em nosso íntimo, e ouvimos este grito: serão estas palavras menos verdade para os nossos índios do que o foram para os gregos e bárbaros, para os romanos e germanos, para os anglo-saxões e slavos? Mil vèzes não. Seria negar a universalidade do cristianismo.

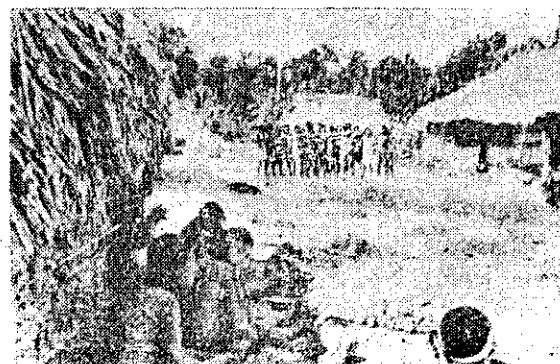
"Oh, Cristo, viestes também para iluminar os Assurini nas margens do Bacajá; os Chicrin, os Diore nas cabeceiras do Rio Branco; os numerosos Mé-cran-gnoti e Diu-die-tucti, vadeando as águas do Alto Xingu e Iriri; os Kruatire. Senhor, são tantos os vossos filhos nas florestas xinguaras que não Vos conhecem..."

Daqui, da capela de S. Félix, temos o vulto da mata ante os olhos, a solidão sem limites, as imensas distâncias que produzem um sentimento de voluptuosa ansiedade de pene-

A capela de São Félix qual hóst. branca, entre o verde da mata



Casal de índios —
Ele: Kuna-
ptió
Ela: Ben-
ku
Este índio
era chefe
do grupo
dos Goroti-
re, no Rio
Fresco. O
cecar é do
ceremonial
de dança



Antiga aldeia do cacique Aibi, no Rio Fresco. Ruínas das construções.

trar no império enigmático das selvas, de desvendar os seus mistérios sem tempo. Mais : um anseio ardente de procurar, a pé descalço, o indígena, e trazê-lo, com todo o carinho, para a Luz do Evangelho.

Sabemos que aquêle que caminha pelo labirinto das selvas do Xingu pádece muito. Sempre por tôda a parte, as nuvens de piuns são uma praga infernal. Formigas de tôdas as espécies torturam o corpo. Carrapatos e mucuins são outros suplícios insuportáveis... Anchieta ia a pé descalço... nós vamos com nössas botas altas. Mas iremos.

S. Félix, única povoação do Alto Xingu, é o ponto estratégico por excelência, onde deve iniciar-se a conquista do reino selvagem.

Mas como? Alguém dirá que isto é loucura de um sonhador. Que o seja.

Antes de tudo poder-se-ia objetar que êste lugar não se presta para uma finalidade tão estranha, devido à profunda aversão que os seus habitantes votam ao indígena.

Isto é verdade. Talvez não seja tanto contra o índio, mas antes contra a maneira "como se atrai e catequiza" o índio. Mas que seja mesmo inata sua aversão. Esta circunstância não impede que aqui se organizem as expedições; que aqui se providencie a aquisição das necessárias reservas; que aqui se meditem, se projetem, se estudem os planos multiformes de uma conquista pacífica. Que panorama magnífico se abre para um coração generoso e destemido! Em parte alguma do Xingu o missionário sente mais ardentemente palpitar o seu coração de amor ao pobre silvícola e a vontade de ir ao seu encontro, mesmo com o sacrifício da própria vida.

Creemos, pois, que o nosso trabalho aqui, seja na capela, seja na casa residencial (onde funciona ao mesmo tempo a escola pública), é um indispensável degrau entre o piedoso desejo da catequese e sua realização.

S. Felix de Gradaús, 31 de janeiro de 1945

A saudade de uma índia

A personalidade indígena, no conjunto de seus sentimentos e idéias, oferece ao civilizado uma paisagem inédita, selvagem e por vèzes misteriosa. O fato que se segue mostra um desses aspectos surpreendentes da alma silvícola, em que a natureza imprimiu a sensibilidade mais estranha.

Fazia algumas semanas que o velho índio Beb-coni trouxera de uma caçada pelos matos do Igarapé Vermelho um curioso troféu: o filho de uma onça pintada. Ele não explicou como se apoderara da oncinha; se surpreendeu a onça-mãe numa furna das fraldas de um morro, matando-a numa luta corpo a corpo, ou se tirou da toca o filhote na ausência dela. Só muita habilidade e coragem do índio podiam pegar vivo o filho de uma fera tão pérfida sem que esta lhe rasgasse as carnes com suas garras temíveis.

Dias depois, com outra caça nas costas, o índio voltou para sua choupana. Era de supôr que a índia, sua companheira de muitos anos, se assustasse com a oncinha pintada, pois nunca o espôso lhe tinha trazido um presente tão perigoso. Tal não sucedeu: ao contrário, o filho da fera da mata foi adotado como filho do casal. A índia alimentava-o com o próprio leite, em substituição ao da onça-mãe.

O bichinho era de pouca idade; podia ter quando muito quarenta e cinco centímetros da cabeça à cauda. Seus olhos grandes e muito abertos pareciam vidraças embaciadas.

No princípio do mês corrente subimos com a lancha-motor "Tuchaua" as águas do Rio Fresco em demanda do Pôsto de Proteção aos Índios que se encontra no lugar "Sobreiro", na margem esquerda do mesmo rio, umas duas horas de viagem acima da pequena povoação de Nova Olinda. Viajavam em nossa companhia um tenente da Polícia Militar e alguns soldados, que tinham vindo ao Xingu na incumbência de prender os criminosos do Rio Pardo.

Ao visitarmos as diversas casas dos índios no "Sobreiro" deparou-se-nos o quadro exótico da índia com a oncinha ao peito, amamentando-a.

Um dos soldados, tipo de aventureiro, que dizia ter pertencido algum tempo ao bando do famigerado Lampeão, engraçou-se com o animalzinho. Neste intuito, entabulou conversa com a filha dos Gorotire. Deu-lhe a entender por gestos — pois a língua lhe era completamente estranha — a sua vontade de comprar o animal. A índia compreendeu a linguagem muda, mas as contrações de sua fisionomia bem demonstraram que não tinha gostado da proposta. Fêz com a mão um movimento para que o soldado se retirasse.

Um idílio da vida primitiva nas selvas: o filhote da onça roncava, abraçando com as patinhas dianteiras o colo de sua mãe-índia, e ela, com muita afeição, passava a mão sobre a pele macia do animalzinho, como se fôsse realmente o filho de seu coração do qual jamais se separaria por preço algum.

O rapaz insistiu. E' curioso notar que, em tempos passados, contas brilhantes eram o objeto de maior aprêço para o indígena. Os tempos mudam, também no reino selvagem do Alto Xingu. Hoje, é por balas de rifles Winchester 44, que o silvícola se desfaz das coisas de sua maior estimação. Sabendo desta circunstância, o soldado tirou do bolso uma mão cheia de balas. Coitada da índia! como ficou indecisa, hesitante... ora olhando o metal mortífero com grande ganância de possuí-lo, ora deixando pousar seus olhos escuros com triste ternura na oncinha. Que luta veemente não se travou no coração selvagem desta mãe Gorotire!

Prevaleceu o chumbo. Rápida foi a troca. A índia com u'a mão pegou as balas e com a outra arrancou a onça do colo.

E' preciso ter assistido a esta cena para poder compreender o efeito trágico que causou esta transação na indígena e nas suas irmãs da tribo. Levantou-se um clamor medonho. Não era de chôro, nem de lágrimas; assemelhava-se a uivos de animais.

O rapaz, muito contente, agarrou o filhote do felino. Este protestou, debatendo-se furiosamente e arranhando-o com as

garrinhas que já tinham um centímetro de comprimento. Rosnava, deixando à mostra dentinhos afiados e muito brancos.

Esta resistência fazia penar ainda mais a índia. Cobriu o rosto com as mãos para não ver partir seu amor selvagem. O rapaz se divertia extraordinariamente à custa dos gritos cada vez mais violentos.

Que choro esquisito, o dessas filhas das selvas! Quem os ouve pela vez primeira, não pode deixar de sentir um calafrio que lhe faz arrepiar os cabelos. Não cremos que a veemência dos berros estivesse em proporção com o grau de sua dor interna. Sentia-se que não tanto da alma ou do coração materno se desprendiam as lágrimas convulsionadas, mas do instinto natural da carne ferida.

Inconsolável... inconsolável... pobre da índia!

Que vácuo deixou este animalzinho na sua vida, vazia de todo verdadeiro amor maternal! Que parentesco terá nossa índia com a raça do amor heróico de uma Iracema?

Enquanto na choupana da índia reinava o luto primitivo, o soldado foi a bordo da lancha para fechar o animal numa caixa. Continuamos a percorrer casa por casa conversando com um e outro selvagem, admirando o feitio de suas armas. Chamou-nos a atenção um maracá, instrumento de música que usam nas suas danças festivas.

Graciosos eram os desenhos que enfeitavam estes instrumentos musicais. Não menos lindos eram certos brincos para as crianças índias. Vimos poucas crianças. Perguntando a razão disto; responderam que no ano passado quase todas as crianças tinham morrido de febre e catarro. Observámos também o caso doloroso de uma índia atacada pela doença da pele. Que perigo para o restante da tribo que não obedece às mais elementares regras de higiene!

De volta, espiando furtivamente pela porta da casa enluta — o choro tinha cessado — vimos com a mais alegre surpresa que a índia estava de novo com a oncinha no braço. O "Carioca" (assim era o apelido do soldado) teria desmanchado o negócio? Alguém o avisou do ocorrido. Correu para a lancha. De fato, a caixa estava vazia. Voltou esbaforido

à presença da índia. "Como é? a senhora (imaginem titular a índia de "senhora"...) mandou roubar o animal que comprei e paguei?" A índia, toda alheia a esta pergunta que não entendeu, continuava a embalar no mais doce amplexo seu filhote, como se nada soubesse do que se passava. O soldado, irritado, tomou atitude enérgica. A índia, que não era nada tola, queria fazer render o seu amor mais uma vez e, quando o viu irremediavelmente perdido, respondeu que entregaria a onça somente pela troca de um bom facão. De bom ou mau grado, o "Carioca", querendo reaver o animal, teve de arranjar um facão "Colling". Desta vez, tivemos o triste prazer de assistir à marcha fúnebre caiapó da definitiva separação da onça de sua mãe-índia.

Veio à nossa recordação o amor degenerado de certas damas das metrópoles do mundo civilizado que, semanalmente, visitam o cemitério de cães, chorando desconsoladas ante o túmulo do seu querido "Mimi Lulu"...

Quando, pois, se trata do problema da catequese dos nossos indígenas, não nos deixemos fascinar por certas descrições fantásticas, endeusantes, — que pintam o índio como a expressão clássica da força e coragem indomáveis, e a índia como o mais sublime símbolo da fidelidade e do amor materno, no pitoresco paraíso das matas virgens. A realidade é outra. O filho das selvas é uma criatura com todas as fraquezas inerentes à raça humana, que precisa da força divina que emana do Sangue de Cristo para erguer-se do seu estado decadente, brutal e sem finalidade superior.

Rio Fresco, março de 1945

Índio virou bicho... O Capelobo

A mata é tenebrosa e cheia de mistérios. Existirá o tal bicho a que dão o nome de capelobo? Aliás, será bicho ou será gente? Muito se ouve falar nos altos do Xingu e de seu afluente Iriri dêsse temível habitante no reino selvagem. Que terror inspira a certos seringueiros, aos caucheiros de uma determinada zona que, mal ouvindo êste nome, se tornam receosos em extremo! Muitos dêles asseveram ter visto o capelobo, terem ouvido o seu grito terrificante.

Ouvindo tanta vez dos homens da mata a descrição dêste monstro, é notável que em caso algum uma descrição tenha sido idêntica a outra. Há muita divergência. Afirmam uns que seja um grande maçaco, mas que anda em pé, e que possui cabeleira tão espessa e comprida que não há bala que o possa furar; ainda mais: que de seu corpo emana uma catin-ga que, de uma distância de 12 metros, é capaz de matar um cristão.

Um seringueiro que se avistou com tal bicho, destemido, atirou nêle. Mas não o podia dominar. Conseguiu escapar, mas a consequência foi uma febre que aos poucos lhe eliminou as forças até que morreu. Foi o bicho.

Dizem outros que o capelobo é um índio velho e pagão que virou bicho.

Viçente Caboclo, durante muitos anos chefe de uma turma de índios Caiapó selvagens, afirma que o capelobo tinha feito um massacre tremendo no meio dos seus súditos e que somente com muita luta de tôda a tribo conseguiram matá-lo.

O velho Pereira não é homem para mentir. Vive há mais de 40 anos nas matas do Alto Xingu. Simples e sóbria é sua conversa. Pois, justamente com êste mateiro se deu o seguinte caso. Estava êle com os dois filhos cortando caucho nas cabeceiras do igarapé Pôrto Seguro, em terras inexploradas. Já fazia meses que viviam naquela solidão imensa, cortada

Jovem guerreiro Caiapó com o arco tenso



Velho Guerreiro da tribo Ku-ben-kran-kein ("cabeça pelada"). A característica do grupo dos Gê é uma rodela de madeira introduzida no lábio inferior



Índia Gorotire, pilando mandioca no local Urubu, no Rio Fresco

qualquer comunicação com os habitantes de Pôrto Seguro, pelo fato de estar o igarapé sem água e por isso intransitável até para um pequeno casco. Mas, graças a Deus, viviam sem novidade seja do lado dos índios, seja de uma doença. Tinham vindo para esta zona no mês de junho quando o igarapé ainda possuía água suficiente. Mesmo assim tinham gasto 5 dias de luta exaustiva. Sabiam também que só podiam voltar para suas casas em Pôrto Seguro nas primeiras enchentes, em novembro ou dezembro. Por bem ou por mal, eram forçados a permanecer no serviço de cortar caucho. Nem cogitavam em outra coisa a não ser trabalhar para pagar o que deviam e talvez tirar um pequeno saldo. As despesas que faziam eram poucas: sal, farinha, açúcar, querosene e munições; a mata lhes fornecia o resto para viver.

Era numa bela noite enluarada do mês de setembro. Todos três dormindo dentro do tapiri bem fechado com paredes de palha. Como sempre, o inseparável companheiro de toda a hora, o rifle, estava debaixo da rede, ao alcance da mão.

De repente, Cipriano, um dos filhos do velho Pereira, como presa de um horrível pesadelo, soltou um grito sufocado:

"Papai... papai..."

"Que é isto, meu filho?"

"Papai... aquele grito..."

Longe, bem longe pela calada da noite, ecoava um grito estranho. O velho Pereira, para não aumentar o espanto do filho, fingiu calma; mas consigo mesmo imaginou: "é verdade, há mais de 40 anos vivo nestas matas, mas nunca ouvi um bicho gritar deste jeito. Que será, meu Deus?" Enquanto assim cismava, assentado na rede, soltou-se um segundo grito muito mais perto, e como partindo da copa de uma árvore. Diante de um fenômeno tão medonho, nem o velho mateiro podia reprimir um suspiro de pavor. Não era o urro de uma onça nem o estridente assovio da anta e nem grito de macaco; também nunca tinha escutado uma ave noturna soltar um grito tão horripilante.

Tinha um quê de humano...

"Nossa Senhora nos acuda! Valha-nos, Senhor S. Felix!..."

Gélido calafrio lhes corre pelo corpo todo e lhes tira toda a coragem de agir.

Entregam-se sem resistência ao fatal "seja o que Deus quiser."

"Papai... é o capelobo, que bala não fura."

O velho não respondeu. Tinha fé em Deus que não lhe podia fazer mal o bicho malvado. Bem perto da choupana, o bicho passou, mas não ousavam sair do escuro recesso.

Lá se foi o bicho misterioso pela mata a dentro... mais e mais longe ecoou o grito, pelas serras distantes.

No dia seguinte, o velho Pereira arrastou a canoa em cima de pedras e paus, igarapé abaixo. Nunca mais voltaram a trabalhar naquele lugar assombrado, onde anda "o índio que virou bicho..."

Pôrto Seguro, agosto de 1946

Os Assurini

ESTAMOS no 16.º dia de viagem para o Alto Xingu. Mês de dezembro, princípio da estação das chuvas. Não conseguimos dormir ao ar livre nesta época incerta. Procuramos a choupana de um seringueiro: Matias Barbosa.

É grande prazer para o solitário habitante da mata quando vê passar alguma embarcação trazendo notícias de fora. Ficamos assentados numa caixa velha de querosene à porta da casa. É noite escura. Forte ventania fustiga as águas do Xingu. Relâmpagos tornam visíveis o rio, a mata, — esta mata misteriosa que, mesmo apavorante, atrai e seduz...

A conversação gira forçosamente em torno dos índios, que este ano com mais frequência atacaram os seringueiros e queimaram as suas choupanas, impedindo assim uma produção maior de borracha. Trata-se sempre de grupos dispersos de Caiapó.

O caso, porém, que esta noite ouvimos da boca do corajoso seringueiro em nossa frente, é de todo diferente.

Os atacantes desta vez foram os índios "Assurini", dos quais pouco se fala e menos se sabe. Uma coisa é certa: seu habitat são as florestas da margem direita do Xingu, do Rio Fresco até o Bacajá na Grande Volta. Poucas vezes, têm sido vistos. São inacessíveis a qualquer tentativa de aproximação pacífica, apesar de pertencerem à língua geral.

"Remámos com nosso casco, começa o seringueiro, para a outra banda do rio. Morava numa ilha. Ia na companhia de outro seringueiro. Chegando à margem direita, deixámos aí a nossa canoa e subimos o barranco. Entrámos na mata à procura de árvores de caucho. Já era tardezinha quando voltámos. Não vimos vestígio de índio em parte nenhuma. Despreocupados, descemos a ladeira em procura da canoa. Quando me inclinei para desatar a canoa uma seta zuniu perto de mim. — Os índios Assurini costumam atacar de preferên-

cia na beira do rio. Levantei a vista, e pulei dentro da canoa. Daí virei para o lado de onde vinha a flecha, apontando o meu rifle. Não vi os índios. Estavam entrincheirados atrás de um pau caído. Começou a cair em nossa direção uma chuva de flechas, uma atrás da outra e, muitas vezes, ao mesmo tempo, três e quatro. O meu companheiro foi logo atingido, mas não mortalmente. Lançou-se nágua para se desviar das setas. Depois agarrou-se à canoa e subiu à popa para se defender. Eu fiquei em pé na proa.

Travou-se, então, uma batalha bem curiosa: dois contra dezenas; arma de fogo contra flechas. Do lado dos cristãos, um ferido; do lado dos indígenas três mortalmente feridos. Esta peleja durou alguns minutos, havendo muito tiro de lado a lado. Não podíamos fugir, pois, no momento em que pegássemos o remo, eles teriam tido vantagem sobre nós. Ficamos aí sem saber como ia findar "o negócio".

Afinal, quando já diversos caboclos tinham caído pelas balas, sem que a peleja se decidisse, apareceu de repente, de trás de uma árvore grossa, um índio empunhando um arco diferente dos outros, maior e mais largo. Ao passo que os índios, que até agora lutavam, não usavam enfeite algum, este trazia na cabeça umas penas compridas em cujas pontas se encontrava um chocalho que tinha cada vez que inclinava a cabeça. Segurava, além do arco, duas flechas. Suponho que era o tuchauá. Ele então deu um pulo para frente e, muito ligeiro, pôs-se em posição de atirar. Mas antes de voar a flecha, detonou o rifle e uma bala cravou-se no peito do chefe dos Assurini. Deu um grito surdo e, tombando, lançou fora as armas. Levantou-se um grande clamor nas fileiras dos índios. Cessou a luta. Com rapidez, alguns guerreiros arrastaram o seu tuchaua mortalmente ferido para dentro duma moita. Depois, nada mais ouvimos. Como seres invisíveis, se retiravam, deixando uma imensidade de flechas e arcos.

— "As flechas dos Assurini são diferentes das dos Caiapó?" perguntamos.

— "São muito mais bonitas, muito bem feitas. Algumas setas que deixaram lá eram munidas, na extremidade superior, de uma esfera com pequenos furos; em virtude disso

são sibilantes. A esfera é feita da fruta do tucum. Ainda se distinguem das dos Caiapó por serem muito mais curtas. Não passam de um metro e dez. A ponta final da flecha dos Assurini é muitas vezes um osso largo, em forma de punhal de dois gumes ou de lança afiada."

— "E a característica dos homens?"

— "São uma raça baixa, mas de uma musculatura muito desenvolvida. Não são alvos como o Sr., mas mesmo assim são menos escuros que outro qualquer índio que já vi. Reparei também que eles têm os cabelos soltos até à nuca e aparados no meio da testa. Não usavam ornamentação alguma nem pintura."

Matias Barbosa acendeu um cigarro e depois continuou:

— "Passados alguns dias fomos de novo para a mata. Encontramos, então, a sepultura de um desses índios que morreram nessa ocasião. Tivemos a curiosidade de abri-la: a sepultura é redonda. Cavam um buraco não muito fundo. Colocam aí o cadáver, sentado. Junto dele, alguns presentes como jaboti, carne, peixe etc. Depois, colocam esteios por cima e cobrem-nos com terra."

Ao recordar este caso que se deu com os índios Assurini e o seringueiro Matias, lembramo-nos de uma palavra de Dom Lustosa: "Não com o fuzil mas com a cruz se há de vencer o selvagem. Têm-se feito caçadas a estes infelizes silvícolas. Porém o perigo aumenta. Muitos se julgam com o direito de exterminar os índios para que eles não mais perturbem a vida do seringueiro. Muita gente exagera de tal modo o direito da legítima defesa, que, só enxergando um índio na margem do rio, pedindo farinha, lhe manda em resposta uma bala ou o atrai para trucidá-lo traiçoeiramente." (Como na boca do Rio Pardo, em outubro desse mesmo ano de 1944).

Nota: O arco largo e possante do tuchaua Assurini encontra-se no Museu do S. P. I., em Belém.

A nação dos Assurini, tendo sofrido, nos anos passados, sangrentos ataques do lado dos Caiapó, está, agora, muito menos numerosa.

Paisandu, dezembro 1944

Uma escavação preciosa — Informações sobre os índios Péua e Juruna

E STAMOS na Ilha da Fazenda, chamada também Ilha de São Sebastião, e que por último foi batizada de Ilha de Nossa Senhora da Aparecida. A ilha é bastante grande e toda arborizada, rica em palmeiras de babassu. A 11 de setembro de 1940, foi descoberta uma mina de ouro na margem direita do Xingu, em frente da dita ilha.

Esta ilha, até então uma pequena povoação de seringueiros, tornou-se do dia para a noite uma cidade improvisada onde se vendiam os vinhos mais caros e as conservas mais deliciosas. As casas de palha se multiplicavam extraordinariamente, embora sem alinhamento, sem sistema, sem ordem, pois a finalidade não era o conforto duma boa moradia, mas o ouro, o tremendo desejo de ficar rico, muito rico em poucos meses. Os seringueiros do Alto Xingu e Iriri ouviram falar desta mina miraculosa; abandonaram as suas colocações e arribaram com tudo. Os lavradores ou os colonos nas vizinhanças de Altamira ouviram dizer que, com pouco trabalho, se ficaria rico... ouro... ouro. Abandonaram o sadio e abençoado trabalho da agricultura e dirigiram-se para a mina de ouro. Até nas Guianas Inglesa e Francesa se falava desta mina recém-descoberta na Grande Volta do Xingu. Levas de "crioulos", negros de estatura hercúlea entravam no Xingu, vindos daquelas duas colônias, também para ficarem ricos.

Resultado: inflamação de baço e fígado, desinterias, paludismo, tremenda ilusão; a morte andou ceifando vidas e mais vidas. Poucos ficaram ricos; pelo contrário, muitos tornaram-se mais pobres do que vieram. Os quatrocentos quilos de ouro, que se tiraram do seio da terra durante estes quatro anos, à custa de tantas vidas, enriqueceram somente alguns compradores de ouro e vendedores de bebidas. Hoje, passados cinco anos desde a descoberta da mina, a Ilha da Fazenda

tornou-se de novo u'a mansão pacífica de seringueiros. Da grande colônia dos "crioulos" resta ainda uma dúzia de pessoas da Guiana Inglesa.

As nossas idas apostólicas para a Ilha da Fazenda não visavam nem ouro, nem prata, mas as almas remidas pelo precioso sangue de Cristo. Em contacto com esta boa gente dos antigos moradores das plagas do Xingu, descobrimos o que consideramos mais precioso que uma esmeralda: um preto velho, muito gaiato, espirituoso e, sobretudo, poeta de improvisações. Chamam-no o "Velho Braúna", mas o verdadeiro nome dele é João Rosa Rodrigues, nascido no Estado do Maranhão.

Contou-nos então a história de sua vida, que se liga intimamente com as primeiras páginas da história da fundação da cidade de Altamira e do Xingu em geral. Colhemos de sua prodigiosa memória preciosas informações de uma tribo de índios que já não existe mais: os Péua.

O velho Braúna entrou nas selvas do Xingu em 1892, com a idade de 18 anos. Foi no tempo inicial da exploração da borracha. O Xingü, de Altamira acima, ainda dormia no mais profundo mistério. A penetração se efetuou muito lentamente. Naquele tempo, isto é, em 1892, não havia nem pique, nem choupana de rancho no lugar onde se encontra hoje a idílica cidade de Altamira. Só mais tarde, em 1895, brocavam-se naquele lugar as primeiras roças que pertenciam ao Cel. Raimundo Marques, Luís de Sousa Belo (cearenses) e Antônio de Holanda.

Nos anos de 1892 e 1893, Braúna cortou seringa nas proximidades da cachoeira do "Escalço". Referiu, então, o velho Braúna que naquele tempo havia numa das ilhas do "Escalço" uma maloca dos índios "Péua". Plantavam roças, fabricavam ubás e remos, iam caçar. Estes produtos vendiam-nos aos cristãos em troca de ferramentas. O nome do tuchaua era Joaquim Péua. Os índios andavam em trajas adâmicos, ao passo que as mulheres usavam tanga. Não eram índios de índole guerreira ou agressiva. Sua estatura era mediana. A cor da pele pendia mais para o escuro que para o claro. As casas eram construídas em forma de um grande guarda-sol

aberto: a piqueira ia até ao chão, com uma entrada muito baixa. Tinham o costume de furar as orelhas. Nos dias de festa, os homens pintavam com urucu a forma de uma estrêla na testa, e as mulheres pintavam estrêlas de ambos os lados do peito, e, no rosto, nas bochechas, desenhos de roda, com listas de genipapo e urucu. As flechas eram de tamanho médio.

Em 1897, uma epidemia de varíola extinguiu quase totalmente a tribo dos Péua. Os poucos que escaparam retiraram-se para o Alto Xingu. Alguns anos depois, não se ouvia mais falar deles.

**Ilha da Fazenda (Grande Volta do Xingu),
13 de junho de 1945**

Uma informação sobre os índios Arara

EM 1892, os Arara, que até então moravam numa ilha chamada do Côco (ou dos Arara) acima dos "Dois Irmãos", mais ou menos a um dia de viagem de Altamira, retiraram-se para um igarapé da terra do poente; que daí tomou o nome de igarapé dos Arara.

Em 1894, Braúna chegou até a cachoeira da Piranhaquara. Na ilha dentro do lago de Piranhaquara, havia então uma maloca dos índios Juruna, cujo tuchaua chamava-se "Macaiary" mas que era da tribo dos Arara, com os quais os Juruna viviam em grande amizade. O número de guerreiros era de 64; ao todo a maloca contava 142 pessoas.

Braúna morou lá defronte à maloca pelo espaço de 2 anos, 1894 e 1895, mantendo com êsses índios boas relações.

Juruna, Arara e Péua usavam para sua dormida redes de algodão brabo, feitas por eles mesmos. Os Juruna viviam em constante guerra com os chamados Carajá (deve-se tratar certamente dos Caiapó) que eles chamavam "TIUCAHAMI", mas ao mesmo tempo negociavam com eles, trocando ferros, facões e machados. Os tais Carajá, muito traiçoeiros como eram, vieram depois a atacar os que trabalhavam numa roça da terra firme. Numa outra ocasião, um Juruna conseguiu matar um Carajá (Caiapó). O nome do herói Juruna era "Pichanhá". Levaram o cadaver do inimigo para o pedral. Lá, cortaram-lhe a cabeça e em seguida levaram-na para a maloca onde as mulheres a cozinharam até ficar bem limpo o crânio. Dessa forma, limpo e enxuto, botaram-no numa cuia, taparam as cavidades dos olhos com algodão e guardaram-no para o dia da festa. Com os dentes fizeram voltas para se enfeitarem.

Na noite macabra da festa, a mais velha das índias dançou com o crânio do inimigo dentro da cuia. Beberam muito cachiri, feito de mandioca fermentada. Ficaram embriaga-

dos. Nas primeiras horas do dia seguinte, os índios Caiapó atacaram a maloca dos Juruna, que ainda sofriam as consequências narcóticas da bebida embriagante. Muitos Juruna foram mortos, as cunhãs novas os Caiapó raptaram. Dos poucos que escaparam, uma parte subiu para o Flor d'Ouro no Alto Xingu e outra para a Praia Grande.

Murutá, aldeia dos juruna

“Obviam Christo” non “in aera” sed “in aqua”

7 de dezembro de 1945

PARTINDO da “Ilha da Fazenda”, prosseguimos viagem no reboque-motor “Bom Jardim”. Que leito sinuoso e torturado cavou o Xingu neste trecho da “Volta”! Através de furos, entre pequenas e grandes ilhas, ora se navega em direção norte, ora leste, ora oeste e, em grandes trechos, direção sul.

Numa ilha dentro da cachoeira “Caitucá”, recebemos a bordo novos passageiros: um preto, uma índia Juruna e uma índia Arara com seu filhinho.

Mais tarde, iremos conhecê-los melhor.

Pernoitámos numa barraca dentro do furo da “Baía”. Já escuro, armou-se a mesa de jantar sobre um liso lagedo, onde estava amarrado o reboque. Aí nos assentámos e comemos um peixe que chamam curupité. Aproximou-se uma canoa. Saltaram uns rapazes. Vimos então ao fraco lampejo do farol umas fisionomias um tanto estranhas. “São índios Arara”, informou-nos o mestre Otávio, o encarregado da viagem. Os dois rapazes Arara, de côr bem alva e de boa estatura, chamavam-se Toem-quém e Iró; e a mãe dos dois: Jarucu. Já eram batizados.

8 de dezembro. — Quando, depois da celebração da Sta. Missa, estávamos passeando no pedral ao longo do estreito canal deparou-se-nos uma curiosa escrita em grande pedra lisa e vertical na margem oposta. Era composta de uns 15 caracteres simbólicos. Uma inscrição semelhante, já encontramos num extenso lagedo, um pouco acima da foz do rio Bacajá, afluente do Xingu, da margem direita, talvez a umas três horas de viagem dêste lugar. Acreditamos que devem provir de índios que conheciam o cristianismo, pelo fato de

se achar representada entre êles uma figura de igreja com uma cruz ou coisa semelhante. Não é para duvidar que êstes símbolos primitivos sejam da época áurea das missões jesuíticas no Xingu, pelos anos de 1637-1760. Nenhum índio daquela zona pôde dar notícia de quem era aquela escrita.

Na choupana dos três — Viajámos depois do almoço. Pelas 4 horas da tarde, debaixo de uma chuva torrencial, atracou-se a lancha dentro de um dos muitos braços do "Furo Sêco". Corremos a uma casa de palha próxima da margem. Não tinha portas. Entrava o vento frio por um lado e saía por outro. Isto ainda aumentou a sensação do frio-molhado. Esta barraca era habitada por três jovens índios Juruna. Uns cem metros adiante, atrás de uma faixa de mata alta, morava a mãe dos três, com mais três filhas. Chama-se, como índia Juruna, Idiá; e, como cristã, Dona Corina. O marido, também Juruna, tinha morrido, no ano anterior, de catarrão. Dona Corina podia ter os seus quarenta anos; era bem forte e disposta para todo o trabalho, como em geral tôda índia.

Com um especial contentamento, descobrimos que nós mesmos tínhamos sido padrinho de um de seus filhos, Fortunato, e de uma das filhas, Maria, apelidada a "Miuda", quando se batizaram em Altamira, em 1936. Fazia, pois, quase 10 anos. Não era para admirar que não os conhecêssemos mais.

Temos muito gôsto em salvar do total esquecimento alguns fragmentos da vida dêsses índios que estão para desaparecer para sempre. Fôra ela, Corina, que nos contara ter sido o seu pai, Muratu, chefe de uma aldeia Juruna. Disse mais, que cada homem só tinha uma mulher, e com essa ficava até morrer. "Não tinham", disse em tom mais alto e como censurando, "êste negócio de se largar." A um homem que procedia mal, o tuchaua mandava amarrar e lhe aplicar uma surra. Êste era o supremo castigo que conhecia o código penal primitivo dos Juruna.

12 de dezembro. — Estamos no lado de cima das grandes cachoeiras na "Volta" do Xingu, que impedem a navegação entre o baixo e o médio Xingu. Avistámos a primeira destas cascatas intransponíveis, a do Juruquá. Temível queda d'água. Imagine-se que havia dias penetrara em nosso ouvido

o surdo estrondo. A essa cachoeira seguem-se mais 7, cada qual mais ameaçadora: Paquiçamba, Ticaruca, Cajueiro, Caixão, Itacaiuna, Pedra Chata e Itapaiuna; esta última, afirmou o nosso piloto, Manuel dos Passos, é a maior e dela não há cristão que escape. Tem três degraus, cada um de dez e mais metros, de cima dos quais a massa d'água se lança para baixo. No ano passado, abriram um pique pela mata que liga, por terra, o trecho encachoeirado, para o transporte de borracha. Tem uma extensão de uns 50 quilômetros entre Bom Jardim, o ponto inicial de cima, e Tijuca-quara, ponto final, acima de Belo Monte.

Apontando com o dedo para o lado direito, o nosso piloto mostrou a ilha Murutá, aldeia dos Juruna em tempos passados, que se encontra entre dois gigantescos saltos d'água do Juruquá e Paquiçamba. Por que os Juruna terão escolhido para lugar de sua aldeia selvagem uma ilha tão inacessível, cercada pelo eterno trovão das águas?

Certamente, para a defesa contra inimigos mais poderosos, os Assurini e os Calapó. Talvez por ser uma região muito farta de peixe e caça. Foi a derradeira aldeia em que os Juruna viveram em conjunto, conforme os seus costumes.

Havia outro aldeamento menor, no lugar chamado "Deserto", um pouco abaixo da foz do Bacajá, que, entretanto, se dissolveu anteriormente àquele, devido a um catarrão que dizimou os pobres silvícolas.

Aí, na ilha do Murutá, é que o pai de Corina, Muratu, foi o derradeiro chefe de uma dinastia indígena. Com a morte dêle desmoronou-se a última fortaleza desta nação, outrora a mais poderosa nas águas do Xingu e do seu grande tributário Iriri.

Um casamento "misto"

TABIRAVU, a índia Juruna que vimos embarcar em Caitucá, era ainda pagã. Queria casar com o preto João. Ele era um bom seringueiro, mas de vez em quando se deixava dominar pelo vício da embriaguês. O preto João, quando não bebia, era um homem bom, muito dado com todo o mundo. Mas, ai! quando participava das 56 toneladas de bebidas alcoólicas que anualmente se importavam no município de Altamira, o preto João virava "onça". Talvez o amor à índia Tabiravu fôsse um contra-veneno a tão grande doença moral. O futuro o diria. Ao que parecia eles se gostavam.

Tabiravu podia ter os seus 20 anos. Não sabia ler nem escrever, como, aliás, quase a totalidade deste povo. Demos-lhe a necessária instrução sobre os principais artigos de fé. A índia era inteligente. Com facilidade, gravou o Padre Nosso e a Ave Maria na memória de uma frescura matinal.

Chega o momento solene em que as águas batismais purificam sua alma da mancha original. Era de ver com que fé e respeito ela inclinava a cabeça sob o suave jugo de Cristo! Tabiravu torna-se a cristã Eleonora.

Uma hora depois, a filha das selvas do Xingu estende a mão ao filho da África, e o sacerdote católico abençoa a nova união com o mesmo formulário com que se casam os membros de uma casa real em qualquer côrte européia, sem distinção alguma. A Igreja Católica é realmente a grande mãe dos homens, a única instituição democrática que, de fato, trata os seus filhos com igualdade.

Era tudo extrema pobreza; uma choupanazinha muito acanhada, aberta por três lados. Não havia música nem flores nem seda, mas havia respeito que impregnou esta hora

singela com uma atmosfera de íntima religiosidade e felicidade.

Não podíamos deixar de presentear a noiva com uma linda medalha: ao que ela cochichou ao nosso ouvido com cândida naturalidade: "agora eu gosto de ti".

Entre a assistência havia uma outra curiosidade etnológica: uma velha Assurini, que tinha sido roubada, quando menina, pelos Arara. E assim, estava marcada para sempre pelo distintivo da tribo dos Arara: um risco pintado, desde a pálpebra inferior até a extremidade do maxilar inferior, como se fôsem duas lágrimas descaídas, de côr azul claro.

Juruna, Arara, — preciosas relíquias de índios genuinamente Tupi, resíduos de um passado pre-histórico.

São de índole boa, de natural pacífico e muito hospitaleiros. Pena que facilmente se entreguem ao vício de beber.

As índias desenvolvem uma capacidade de trabalho que as honra. Destas duas raças restam ainda umas trinta pessoas que não se misturaram com os civilizados. Talvez no Alto Xingu ainda exista algum aldeamento de Juruna. E' mesmo possível que as imensas selvas ainda guardem muitos segredos a respeito dos Juruna e Arara e outros índios.

15 de dezembro de 1945

MAUARI (hoje Odorico), velho Chipaia conta:

OS Chipaia viviam na mata e se alimentavam da "rapa" (casca rapada); um índio subiu numa árvore grossa com um cipó no pé, e depois ia arriando, rapando a casca do pau. Não conheciam a mandioca.

Um índio foi caçar. Atrás de uma serra "sôlta" viu estendida uma cobra monstruosa, dormindo. Ele avisou os outros da tribo; e todos diziam: "Vamos matar e comer".

Quando chegaram, a cobra estava dormindo, cada um botou a mão em cima da cobra, dizendo: "Este pedaço é meu". Quando chegaram a botar a mão na cabeça, um dos índios tomou uma flecha e botou-lha em cima da cabeça, dizendo: "Acorda, cobra, para morrer." A cobra acordou e estrebuchou. Quando eles quiseram tirar a mão, não podiam. A mão estava pregada na cobra. Mas a cobra os enfeitiçava tanto, pois era tão bonita, que não ficaram com medo; antes, gritavam, gracejando e dando gargalhadas. Mas quando a cobra os arrastava rumo ao rio, e não os largava, começaram a chorar e a gritar horrivelmente. A cobra, porém, arrastou todos consigo para o rio, homens e mulheres. Viu-se depois subirem à tona d'água pedaços de corpos. Aquêles que não tinham pegado na cobra voltaram tristes e acabrunhados para suas casas e choravam sem fim.

Chegaram à maloca. Continuavam a chorar a desgraça que lhes tinha acontecido. Um dos Chipaia ia sempre espiar o lugar onde a cobra tinha aparecido. Um dia, no mesmo lugar onde tinha estado a cobra grande, apareceu uma cobra pequena. Diziam então os índios: "certamente virá de novo a cobra grande." Tempo depois, chegou uma cobra maior, mas era ainda pequena. "Ah! exclamavam, está para chegar a grande."

Algum tempo depois, chegou u'a maior que as duas primeiras, "Está para chegar a grande".

Aí, quando foram de novo, viram a cobra grande encher todo o buraco da grande cobra. Todos os índios reunidos se consultavam: "Como vamos matar esta cobra grande?"

Então resolveram derrubar tôda a mata em redor, numa boa extensão, e deixar secar e depois tocar fogo para a cobra ser morta pelo fogo. E assim fizeram; derrubaram tudo com machado de pedra. Era muito trabalho. Depois de tôda a mata sêca fizeram fogo com pau e tôda a mata derrubada pegou fogo bonito. O fogo cercou o lugar onde estava deitada a cobra grande. Quando o fogo a ia cercando, uivava que se escutava longe. Depois levantou-se e caiu com todo o pêso dentro do fogo e arrebençou-se em pedaços, como uma explosão. Na tarde do dia em que queimaram a cobra, formou-se um temporal medonho e choveu noite e dia durante 10 dias e eles estiveram para morrer de fome.

Quando a chuva estava passando, saíram da maloca para o mato para ver se achavam qualquer coisa para comer. Acharam caça, mas não tinham raspa de pau para comer com a carne, porque tôdas as árvores estavam molhadas.

Um índio saiu então ocultamente, imaginando que ia ver a cabeça da cobra queimada. Chegou lá. Viu então no lugar onde queimaram a cobra uma belíssima plantação tôda igual, mas de muitos legumes diferentes, que ele não conheceu. Ficou olhando...

Atrás dêle escutou um lindo canto de um passarinho: o uirapuru. Voltou a cabeça de lado para o passarinho, mas sem olhar para êle e lhe disse: "Eh! passarinho, dize-me que frutas são estas!" Depois o índio assentou-se num pau e, quando olhou para o passarinho, já não era mais um passarinho, mas um homem bonito, todo enfeitado de pérolas.

O homem falou: "que estava você dizendo?"

— Eu estava brincando com o passarinho, que me dissesse que frutas bonitas eram essas.

O homem disse: Estas são coisas boas, melancias (uarachi).

— E isto?

— Jirimú (coroá)

— E isto?

Ela foi invocada durante
um ano inteiro, para milhares
foi a última esperança
nas horas em que só mesmo
um milagre pode compensar
a medida do sofrimento.
Nem todos podem
vê-la, tão pequenina, entre os
muitos ornatos da Berlinda
dourada, mas sua
passagem pelas ruas redime e
purifica o povo que
a consagrou Padroeira.
O clima de alegria de há dias
explode em manifestações
esparsas que se integram
para formar uma das
maiores festas religiosas do
Brasil, e converge para a
imensa caudal humana
do Círio.
Descalço no asfalto, quente,
carregando pedras,
puxando a corda, o povo,
simples, também, na maneira
de homenagear.
Em todos, a bemaventurança
e a harmonia do Amor.
A Santa passa para o seu povo,
que ficou um ano
à sua espera.

Gostei disso, D. Eurico!

— Milho (macati)

— E isto aí?

— Mandioca (maiecá)

Depois o homem ensinou a plantar mandioca. Ensinou também a preparar caxiri.

Mas a este índio, somente, este belo homem estranho falou e não aos outros da tribo.

Como se deve preparar mandioca e caxiri

Arrancar a raiz da mandioca e botá-la de mólho até amolecer. Quando a mandioca está mole, tirar e meter no "tipiti" (espécie de funil) e acrescentar arumá (um arbusto); quando a massa está enxuta, vai torrar. É a farinha.

Para preparar o caxiri, primeiro torrar, pouco, a massa da mandioca e depois botá-la na água e juntar-lhe batata doce, coando, em seguida, tudo na peneira. No mesmo dia, este líquido está doce e já se pode beber; depois de fermentar durante três dias, "senta" e aí está bom de verdade para se beber. "Mas, disse-lhe o homem, bebe só um bocadinho. À noite, quando todos estiverem embriagados, dormindo, eu venho te ensinar a cantar."

E assim foi. Depois ensinou os instrumentos: pífaro e flauta (beiará-pupe).

Quando ainda estavam na roça da cobra queimada, chegou também uma índia velha e, sem esperar explicações, comeu uma fruta (cabaça) e morreu logo.

O homem se foi embora e disse que viria outra vez. Então, os índios imaginavam que era o Pai do céu que os vinha ensinar.

Pai do céu: "Se-mauá-pá".

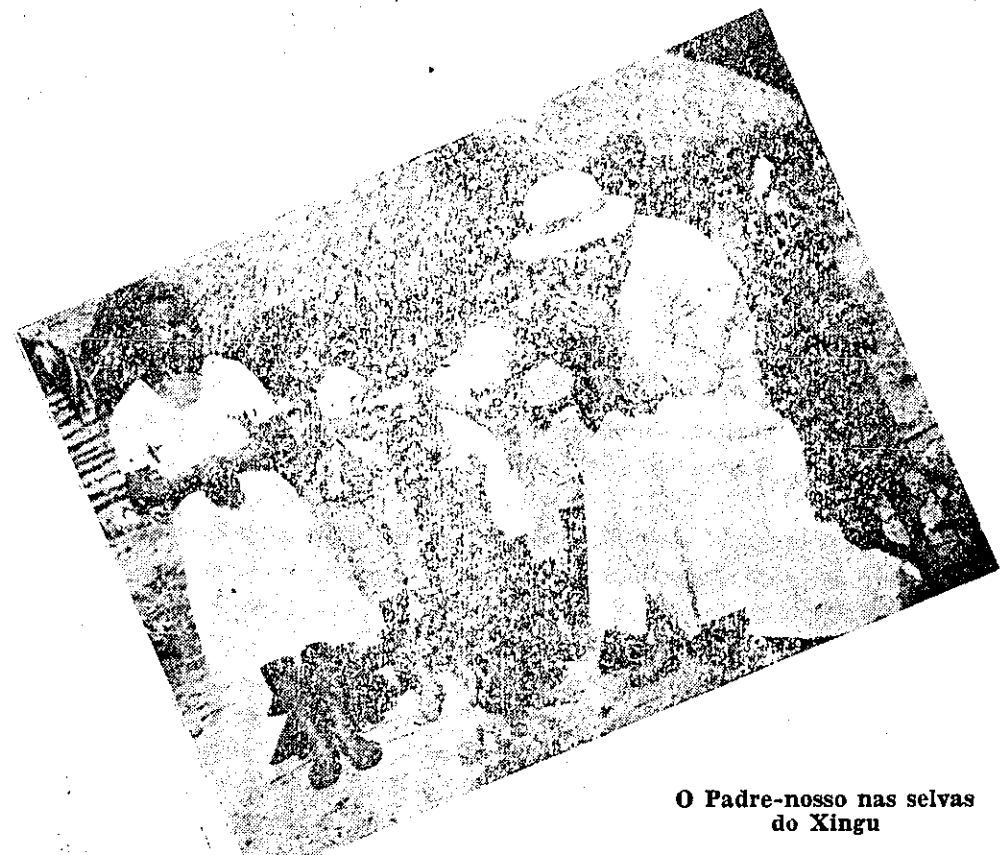
Mas este Deus ainda tem mais dois nomes:

"Cuma-pari"

"Zem-anza".

Rio Curuá, maio de 1945

oferece a filha ao missionário para
que a receba como afilhada



O Padre-nosso nas selvas
do Xingu

A imprensa, em torno do problema do índio no Xingu

No ano de 1951-52

A imprensa nacional, desde o Pará até o Rio Grande do Sul, e mesmo diversos diários de outros continentes têm ocupado grande espaço com notícias alarmantes sobre os ataques de índios Caiapó e Assurini, no rio Xingu. Verídicas, como são em grande parte estas notícias, a fantasia de certos repórteres ainda reforçou as cenas descritas com côres saturadas de sangue e flechas mortíferas.

E' curioso observar como reagiu a opinião pública: uma considerável parte inclina-se pelo extermínio sistemático do indígena, por nocivo à expansão econômica. Alega-se sua tendência inata ao roubo e ao massacre e, por isto mesmo, tira-se a conclusão aparentemente justa de que o extermínio é uma necessidade.

Nós, que vivemos há 17 anos no imenso reino selvagem do melancólico Xingu; que conhecemos suas paisagens, em certas partes de uma beleza estranha, que não ficam aquem das do Reno ou Danúbio; que sabemos de suas riquezas naturais; nós temos como humilde resposta apenas um sorriso amargo...

A lógica sadia parece não mais existir no homem agitado pelos ventos rijos das guerras sem piedade. Taxa-se o índio, quando com um pau tósco (às vezes bem polido e trançado) ataca o homem branco, que ele considera invasor de sua terra, de bárbaro. Têm-se, entretanto, palavras de justificação para o emprêgo de toda a espécie de abomináveis armas de destruição, "meios lícitos" para salvar a "civilização em perigo".

Não somos sonhadores que não conheçam a justa exigência da exploração das riquezas naturais; sabemos também aconselhar, no caso concreto, o que de fato se entende por legítima defesa; chorámos, mais de uma vez, com as pobres mulheres e crianças, o pai vitimado pelo índio; fincámos cruzeiros aos heróicos homens da mata; passámos dias e semanas nas miseráveis choupanas dos seringueiros, ameaçados a cada instante de morte cruel pela mão do indígena; mas, perguntamos aos homens de bom senso: a quem cabe maior responsabilidade por esta deplorável situação, — ao homem civilizado que, com seu mau exemplo, perverte o silvícola, ou ao aborígene, que vive quase totalmente desprezado a implorar uma migalha da farta civilização?

Que diríamos de uma catequese que visse no índio nada mais que uma curiosidade zoológica a ser conservada num parque nacional, ou então uma peça bastante interessante para um museu etnológico?

O que levanta maior celeuma “entre os interessados” na questão do índio é o armamento. Fala-se a miúdo em desarmar os índios, isto é, em tirar-lhes os rifles e espingardas que por diversos processos adquiriram, na maioria dos casos por roubo. Mas cremos não ser a posse das armas o ponto decisivo. Não se pode querer que o índio use, eternamente, arco e flecha para a caça e pesca, quando uma espingarda muito mais lhe facilita a aquisição do seu minguado alimento. O que, acima de tudo, nos deve preocupar é a educação moral (em certos casos, ouso dizer conservação de sua moral contra elementos perversos vindos de fora) sem o que qualquer catequese está condenada ao insucesso.

Que vale entregar ao índio ferramentas, instrumentos agrícolas etc. se não há quem o guie competentemente?

Se alguém tivesse a idéia de entregar aos meninos de um grupo escolar, no princípio do ano letivo, tinta, papel e pena, e nada mais, qual seria o resultado deste método pedagógico sem a autoridade do professor?

A criança furaria com a pena o seu vizinho; outra finalidade não descobriria no simples, mas universalmente importante objeto; e com a tinta sujaria banco e papel.

Idêntico será o resultado de uma catequese que não atenda aos requisitos, aspirações de sua parte superior. Será uma eterna guerra do mais forte contra o mais fraco.

—xXx—

Perguntámos uma vez a um tuchaua da tribo dos Sênecas, na América do Norte, o que ele pensava sobre o mundo americano. Em sua fisionomia se acendeu uma expressão triste. — Como iríamos amar os que nos intentaram exterminar?! O grande mal, disse então o ancião coroadado de sua cabeleira de tranças, é que eles negligenciam a Deus.

O ameríndio do norte é igual ao do sul. Neste, também poderíamos surpreender a mesma angustiada queixa contra os que pretendem levar para eles uma civilização sem Deus.

O conhecimento do Deus cristão, — o próprio índio o compreende e quão dolorosamente — não é uma bárbara imposição, é antes o símbolo possante de sua verdadeira libertação.

O velho índio disse tudo. E isso vale para todos.

—xXx—

Foi uma idéia feliz de S. Excia. o Sr. General Governador do Estado e do Sr. Diretor do S. P. I. no Rio, a de enviarem seus representantes à cidade de Altamira, para que estes, de acôrdo com a autoridade municipal e os seringalistas da zona, elaborassem um plano de ação, no sentido de solucionar o grave problema da pacificação dos índios.

Assim, no dia 22 de março de 1952, na sede da Prefeitura Municipal de Altamira, teve lugar uma reunião, previamente programada, contando com a presença do representante do Exmo. Sr. General Governador e de SS. SS. o Prefeito Municipal, o Inspetor Regional do S. P. I., o Presidente da Associação Comercial — em nome dos seringalistas locais — e o missionário católico, que foi unânimemente aceito para árbitro da questão, dada a sua manifesta imparcialidade e conhecimento da região e do meio.

Salientámos, preliminarmente, que o principal objetivo do plano a formular devia ser a preservação de vidas. Quais-

quer interesses particulares tinham de ficar de lado, sem o que continuaria cada vez mais inquietante a situação; e nem seria dirimida a questão; e nem teria fim o inútil derramamento do sangue do seringueiro e do índio.

Ficou resolvida, pois, a criação de um novo patrimônio para os índios. O Governo do Estado reservar-lhes-á vastas terras onde possam viver a sua vida independentemente, sem serem molestados e sem molestar o seringueiro. Garante-se, assim, segurança para ambas as partes e cada uma delas poderá dedicar-se tranqüilamente ao próprio trabalho, sem preocupação de ataques e revides.

Estudados os limites das terras referidas, assentou-se que serão constituídos por uma linha divisória a qual terá seu ponto de origem no lugar Serra Encontrada, no alto Rio Xingu (aproximadamente no paralelo 7° 30'), de onde partirá para o Oeste, até o lugar Cocal no alto Rio Iriri, e daí à foz do igarapé das Flechas (Pitiatá), no alto Rio Curuá; para Leste, até à foz do Rio Vermelho, no Riozinho. Toda a área situada ao Sul dessa linha constituirá patrimônio do indígena, e ninguém terá o direito de invadi-la. Por outro lado, os índios não poderão cruzar as fronteiras estabelecidas.

Postos do S. P. I., que serão criados em Serra Encontrada, em Cocal, na foz do Pitiatá e na foz do Rio Vermelho, facilitarão a observação e o controle da penetração indébita, salvaguardando, assim, as vidas de índios, seringueiros e castanheiros.

Nenhum conhecedor do assunto julgará que a criação deste patrimônio seja a solução definitiva do angustioso problema do índio. Mas, representa um passo esperançoso.

Para a consecução ao que é visado, muito trabalho há que realizar: ninguém desconhece que o indígena ignora a significação da palavra LIMITE, a qual não existe em sua terminologia.

Criando patrimônios indígenas não se faz outra coisa senão seguir sãbiamente o método dos grandes mestres jesuítas da catequese dos séculos que se seguiram ao descobrimento, onde se fez — conforme a opinião insuspeita de Curt Nimuendajú — catequese no pleno sentido.

Este patrimônio é de importância vital, não somente para o seringueiro, como também para a catequese do índio. Significa paz e tranquilidade para ambos. É preciso não esquecer que, para o índio, qualquer contacto prematuro com a civilização é prejudicial. Como julgamos, também, prejudicial atrair o índio do seu habitat, sem elementos para proporcionar-lhe a necessária manutenção. Deslocado do seu meio e do modo peculiar de viver, o silvícola, na impossibilidade de garantir a própria subsistência, ainda não é cristão e não quer ser mais considerado índio. Passa, assim, a constituir um verdadeiro proletariado indígena.

O que acima se diz da distribuição patrimonial dos territórios concerne às condições específicas da região do Xingu, particularmente visadas neste relato.

Para que mais segura e facilmente se possa levar aos índios a civilização, ou trazê-los à-mesma, deverão as autoridades competentes, imbuídas da convicção natural de que as missões católicas sempre foram e ainda são o fator primordial na aculturação dos silvícolas, favorecer-lhes e proporcionar-lhes liberdade de ação entre os indígenas, dentro dos seus territórios.

A História das Civilizações aí está para atestar, aos que a compulsam com espírito desprevenido e leal, as vantagens e os resultados desta catequese, oriunda da fonte pura e inextinguível da palavra divina contida nos Evangelhos.

Mas, também, é preciso não esquecer a importância da assistência social e cultural que merecem os trabalhadores da indústria extrativa vegetal. São eles que se embrenham nas matas virgens, abrindo caminhos, desbravando as terras. Seu progresso, seu trabalho abundantemente recompensado será mais tarde o estímulo e o exemplo vivo para o próprio indígena. Se negligenciarmos o seringueiro, muito remota se torna uma aproximação, ou antes a integração do indígena na grande família brasileira.

Feitos que não devem ser esquecidos

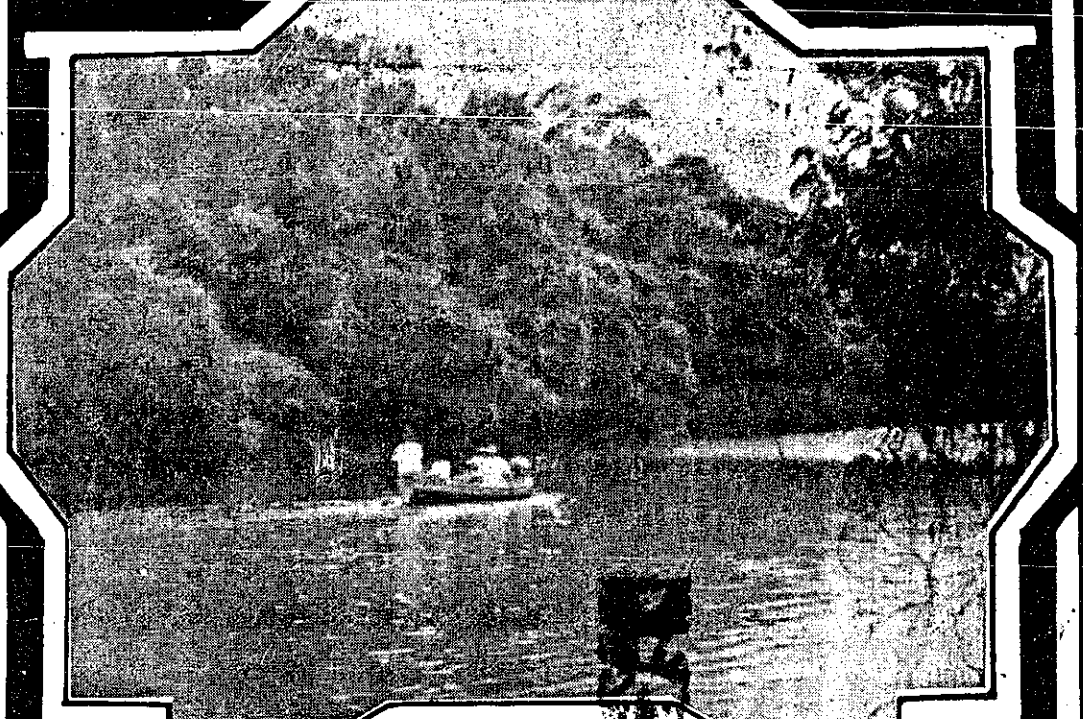
- 1636 — Luis Figueira, da Companhia de Jesus, o primeiro missionário que pregou o Evangelho no Xingu. Em Tabpinima (o Itapinima de hoje) ele pregou a índios "que não eram bem versados na língua geral". Fundou a Missão do Xingu "Itacuruçá". Pouco depois foram fundadas mais 5 missões. Antigas crônicas referem-se especialmente a três tribos, as aldeadas: Coahi, Guahuara, Guaiapi. Em 1688 os Guahuara possuíam 22 aldeias espalhadas pelas florestas. Julgam alguns que são idênticos aos Curuaia.
- 1655-57 — Os missionários da Companhia de Jesus conseguiram fixar os índios *Juruna*, em Maturu (hoje, Pôrto de Moz).
- 1661 — João Felippa Bettendorf, da Companhia de Jesus, cronista do Pará, utiliza pela primeira vez o nome *Xingu*.
- 1662-63 — Os missionários da Companhia de Jesus tentaram pela primeira vez catequizar os índios *Tacuniapé*.
- 1665 (?) — Os missionários reúnem *Juruna* e *Tacuniapé* em aldeias no Baixo Xingu.
- 1667 — Um grupo de *Tacuniapé* procura a Missão de Veiros no Baixo Xingu. Pouco depois o Padre Pedro Poderoso faz uma terceira tentativa de aldear os *Tacuniapé*.
- 1691 — O célebre Padre Samuel Fritz coloca no seu Mapa os *Tacuniapé*, nas proximidades do rio Bacajá, na Grande Volta do Xingu.
- 1750 (?) — O Padre Roque Hundertpfund, natural de Bregenz, Austria, subiu como primeiro civilizado o Xingu e o "Rio dos Juruna", — o Iriri — entrando em contacto pela 1.ª vez com os índios *Jacipoia* (*Chipaya*) e *Curibari* (*Curuaia*).
- 1750... — Os missionários da Companhia de Jesus conseguiram aldear os índios *Tacuniapé* na Missão de TAUQUERA (*Tauaquara*, *Tavaquara*, *Tacuana*), um quilômetro acima do lugar onde hoje floresce a cidade de Altamira. Todas as crônicas antigas referem que estes índios *Tacuniapé* eram os mais tratáveis e mais amáveis da região do Xingu.
- 1843 — Padre Torquato Antônio de Sousa, vigário de Souza, fala ainda de dois mil índios *Juruna* na "sua paróquia". H. Coudreau, em 1896, fala ainda em 150 índios e hoje os poucos restantes estão vivendo misturados com os civilizados. (Citações de Curt Nimuendaju)
- 1936 — Dom Sebastião Tomás, Bispo de Conceição do Araguaia, numa viagem bem arriscada teve o primeiro contacto com a grande aldeia dos *Kuben - kran - kein* na cachoeira da Fumaça, no Riozinho do Rio Fresco. No ano seguinte, fevereiro de 1937, um grupo de mais ou menos mil índios apareceu na margem do Rio Fresco, acima de Nova Olinda.

ASA
18



PEKANI-PEKANI

XINGU



WZU&ZT-O3

T-URROO-2